

Boletim Informativo

do

MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA



Barcelos • Portugal

N.º 1 • Janeiro de 1966

DOS CADERNOS E DO MUSEU

Pode parecer estranho que só agora procuremos dizer alguma coisa sobre os «cadernos». No começo, porém, obedecendo a um respeitável costume, era inevitável falar dos planos traçados, e isto significava um risco muito grande, já que o encontro com certas realidades comezinhas é que havia de decidir o futuro da iniciativa. De resto, aquilo que queríamos estava patente na designação — *Cadernos de Etnografia*.

Têm um ano de vida, que se fecha com o n.º 4. É pouco, bem vemos, mesmo considerando as limitações de natureza económica, tão fáceis de adivinhar como difíceis de resolver. Mas estamos certos de que esse pouco representa, pelo menos, o esforço de acertar, de vencer os obstáculos que a inércia vai semeando pelo caminho, e de perseverar. Perseveraremos! Enquanto forem satisfeitas determinadas condições (mínimas e mais que lícitas) não fugiremos às canseiras. A boa compreensão e o amparo da Comissão Municipal de Turismo, presidida pelo Sr. Dr. Mário

Sociedade Internacional de Etnologia e Folclore

Acabamos de receber um «boletim de adesão» à Sociedade Internacional de Etnologia e Folclore, que nos foi enviado pelo seu secretário-geral — Prof. Roger Pinon (Bélgica).

Fundada em Atenas, a 8 de Setembro de 1964, a SIEF sucedeu à Comissão Internacional das Artes e Tradições Populares (CIAP), e conta entre os seus fundadores e sócios os mais insígnies etnólogos da actualidade. Os fins deste organismo são: promover o estudo da vida e das tradições populares; estimular a cooperação entre os investigadores e os institutos científicos interessados em tais estudos; contribuir assim, no seu domínio, para o conhecimento do homem e para a compreensão mútua dos povos.

O envio do «boletim de adesão» corresponde a um convite para o Museu Regional de Cerâmica se tornar membro institucional da SIEF, o que muito nos penhora.

Fernando Cerqueira Correia, e a colaboração de meia dúzia de devotados estudiosos e de alguns bons amigos — são aliás a garantia de que os «cadernos» prosseguirão, para que o Museu Regional de Cerâmica exista como coisa viva, impulsionando, com os meios ao seu alcance, os estudos etnográficos dentro da área barcelense.

Não diremos novamente, porque estão ditas e reeditas, as razões que obrigam, nos dias que correm, a consagrar a esses estudos uma especialíssima atenção, e a proporcionar todas as facilidades a quem a eles se dedica. Em Barcelos — onde, no espaço de um ano, sobre o assunto falaram dois dos mais eminentes cientistas portugueses, — afigura-se-nos desnecessário insistir na mesma tecla. Só idiotas ou ignorantes se atreverão hoje a encarar a Etnografia como actividade «recreativa», ou mera evocação romântica do passado, — de uma forma ou de outra, coisa que não justifica grandes dispêndios.

Sem dúvida que o Museu Regional de Cerâmica ainda não é aquilo a que Barcelos tem direito, aquilo que alguns barcelenses — entre os quais, por uma questão de elementar justiça, devemos destacar o etnógrafo Joaquim Sellés Paes de Vilas Boas, doador da valiosa colecção que deu origem ao Museu — sonharam, aquilo, afinal, por que os barcelenses têm o dever de lutar. As instalações, por exemplo, são insuficientíssimas. A falta de espaço impossibilita a realização das tarefas mais rotineiras no âmbito dum museu; faz pôr de parte a simples ideia de aquisição de outras peças, a fim de completar e enriquecer o recheio; impede que se leve a cabo a indispensável inventariação do que já existe, trabalho «numa boa parte» (1) iniciado por D. Margarida Ribeiro, mui ilustre funcionária do SNI que veio montar o Museu. Havendo, segundo um borrão elaborado pela mesma Senhora, 1023 peças (1), o inventário foi levado apenas até ao n.º 57 (fl. 18 do respectivo livro), e daqui se infere o quanto é enredador, moroso e delicado um tal trabalho. Só sujeitando o Museu a um funcionamento irregular durante longos meses — visto que por pura devoção se consegue tudo quanto nele

(1) Cf. Margarida Ribeiro, *Notas e Comentários Sobre Feiras e Mercados*, in «Boletim Cultural», da Junta Distrital de Lisboa, s. II, n.ºs 61-62 (Lisboa, 1964), pp. 198-203, nota 1. Por lapso a Autora diz aí que o Museu se chama «Museu de Cerâmica Regional». Bem ou mal, o nome que os padrinhos lhe deram foi o que consta do título do artigo que D. Margarida Ribeiro publicou no «Jornal de Barcelos» de 2-5-63: *Algumas palavras sobre o Museu Regional de Cerâmica*. Aproveitamos o ensejo para dizer que se conservam todos os interessantes livros e cadernos a que a distinta Senhora se refere, na nota acima mencionada.

agora se realiza — se poderia, nas condições actuais, fazer o inventário. Neste particular, e a fim de evitar as baldas do amadorismo, o ideal seria que o SNI nos socorresse mais uma vez, enviando-nos um funcionário habilitado e de boa vontade, e é com o maior empenho que apresentamos esta sugestão à Ex.^{ma} Câmara. De mais a mais não é só o inventário que falta (pois também falta o ficheiro) para que seja possível dizer: o Museu está montado. E isto interessa, não é verdade? Que não se diga nunca, com razão, que — por capricho, por respondermos aos problemas com um encolher de ombros, por comodismo — demos por concluído o que tão-sòmente estava começado. Pensamos que o SNI acolherá da melhor maneira o pedido que alvitramos.

Retomando o fio à meada: Dentro de limites tão acanhados, como se poderá fazer com que o Museu seja mais que um conjunto de algumas centenas de peças arrumadas numa salinha escrupulosamente limpa? Como se poderão observar aí as regras da moderna museologia?

«Em Barcelos, já existe ao menos um simpático pequeno museu regional dos seus barros» — disse José Régio (2), depois de ter lamentado a inexistência em Portugal de um «museu digno da nossa riquíssima arte popular». A classificação é elogiosa, e com certeza desvanecerá os barcelenses. Com ela, ou com outras de igual teor, porém, não devemos adormecer. Haja verdadeira consciência da importância cultural dos museus, e o nosso pode, com um pequeno esforço, colocar-se num plano mais de acordo com os fins científicos e pedagógicos que constituem a razão de ser de qualquer museu.

São deveras oportunas as palavras contidas num decreto-lei recentemente assinado pelo Senhor Ministro da Educação Nacional: «Se o museu não for mais do que uma instituição com finalidade conservadora, poderá, então, qualificar-se de necrópole. É a definição que cabe aos museus privados de contacto com o mundo científico, com os artistas, com o público em geral e a juventude em particular. O museu deve ser um organismo cultural ao serviço da comunidade.» (3)

E agora duas palavras a propósito de *As Louças de Barcelos*. O Autor é um ceramista, filho dum industrial de cerâmica. Como poucos, conhece as olarias de Barcelos. À sua porta, invariavelmente, vão bater quantos pretendem estudá-las. Sobre elas tem muitos artigos, dispersos na imprensa local e em várias revistas. O ponto de vista em que, normal-

(2) *Barros Populares do Alentejo*, in *Ano Bom*, 1964, 2.º caderno de «O Primeiro de Janeiro», 1-1-64.

(3) Transcrito de «O Comércio do Porto», 21-12-65.

mente, se coloca é mais o de um técnico conhecedor do que o de um etnógrafo, mas isso de maneira nenhuma diminui o valor documental dos seus escritos.

Uma das virtudes deste trabalho, quanto a mim, é falar de toda a casta de louças que actualmente se fabricam na área de Barcelos. Os etnógrafos, dum modo geral — concentrando a sua atenção nas louças mais ameaçadas de desaparecimento, e desviando-a das «novidades» por não engraçarem com essas extravagantes formas, decorações e coloridos, — têm feito pura e simplesmente tábua rasa das louças sem longa tradição e de feição mais industrial. Pesando as coisas numa outra balança, de acordo com as realidades presentes, Macedo Correia dá-nos uma visão das olarias de Barcelos no seu conjunto, oferecendo matéria digna de reflexão.

Por exemplo: o caso das «louças pintadas». A sua grande procura no mercado denuncia a preferência com que são bafejadas por largos sectores da população. As cores gritantes, associadas sem pejo nem medo umas com as outras, satisfazem o mesmo gosto (falta de gosto, se quiserem) que se compraz em imprimir a muitas casas novas, de linhas mais ou menos «avançadas», o aspecto de catálogos de fábricas de tintas (4), — gosto que, a meu juízo, muito provavelmente recebeu um forte estímulo de certos *slogans* publicitários daquelas fábricas. Ora — arrisco a pergunta, — a preferência que por estas louças manifestam numerosos sectores da população, para além do que significa quanto ao gosto, não se deverá interpretar, em parte, como resultado da ânsia de subida social? A decoração das casas com objectos que forçosamente dão nas vistas — pelas cores, pela novidade, ou pelo quer que seja — não traduzirá um desejo de aparentar nivelamento com os economicamente fortes? O novo-rico, pelo menos, costuma assinalar a sua «ascensão» por processos semelhantes. Ainda outra pergunta: Relativamente às cores não se estará a verificar um fenómeno idêntico ao que certos musicólogos dizem que se está a passar com a música — isto é: que a evolução do gosto se tem dado no sentido de aumentar cada vez mais o volume do som e de se acentuar o uso de timbres metálicos?

EUGÉNIO LAPA CARNEIRO
Director do Museu

(4) Na França, ou ao menos em algumas das suas regiões, irrompeu também já o mesmo gosto. Ver Roger Lecotté, *La Voix du Président. On Rentre...*, in «Bulletin Folklorique d'Ile-de-France», III^e s., n.º 30 (Paris, Été 1965), p. 898.

CADERNOS DE ETNOGRAFIA

● A benemérita Fundação Calouste Gulbenkian concedeu-nos um subsídio de esc. 7 483\$90 para a reedição de *As Olarias de Prado*, de Rocha Peixoto. Esse número especial dos «cadernos» será distribuído e posto à venda no dia 18 de Maio do corrente ano, assinalando assim o primeiro centenário do nascimento do eminente etnógrafo.

● Já foi entregue à tipografia o original do «caderno» n.º cinco — *As Barcas de Passagem do Cávado, a Jusante de Prado*, por Adélio Marinho de Macedo e José António Figueiredo.

● Comunicamos a todos os etnógrafos a quem temos enviado os «cadernos» que, se desejam continuar a recebê-los, devem devolver os postais que também, e para esse efeito, mandamos sempre. A mesma advertência nos permitimos fazer aos museus e outros institutos científicos.

● Tendo em vista contribuir para o pagamento das gravuras dos cadernos n.ºs 4 e 5, realizou-se uma rápida subscrição, entre alguns amigos do Museu, que rendeu mil e cinquenta escudos. Com a melhor boa vontade, concorreram os Ex.^{mos} Srs.: Dr. Mário Fernando Cerqueira Correia — 50\$00; L. C. — 100\$00; João Macedo Correia — 100\$00; José António Figueiredo — 50\$00; Adélio Marinho de Macedo — 50\$00; Carlos Alberto Basto — 100\$00; Dr. Eduardo Regado de Carvalho — 50\$00; Feliciano Lopes Gomes — 50\$00; Raimundo Pereira Gomes — 50\$00; Décio Nunes — 100\$00; Dr. João Beleza Ferraz — 50\$00; Manuel Virgínio de Carvalho — 50\$00; Bártole de O. Correia Paiva — 50\$00; Dr. Luís Fernandes de Figueiredo — 50\$00; Miguel de Matos Graça — 100\$00; Eng.º Manuel Júlio Lima Torres — 50\$00.

A todos o nosso muito obrigado.

OFERTAS AO MUSEU

O etnógrafo Joaquim Sellés Paes de Vilas Boas, a quem, como se sabe, se deve o primeiro e fundamental passo para a existência do Museu Regional de Cerâmica, fez mais as seguintes preciosas ofertas:

Estudo Sobre as Olarias de Barcelos (Dissertação para Licenciatura em Filosofia-História) (Lisboa, 1954), por Maria Isabel de Azeredo Fernandes Basto;

Premiere Rencontre Avec la Poterie de Barcelos (Paris, 1960), por Anny Tual-Bordier; oito peças de ferramenta dos oleiros de Vilar de Nantes;

três peças de ferramenta dos oleiros de Vagos; duas peças de ferramenta dos oleiros de Canha; uma placa de barro com as «marcas» usadas pelos oleiros de Canha; e diversos recortes de jornais.

Outras ofertas:

Do Ex.^{mo} Sr. Carlos Alberto Vieira de Sousa Basto:

Anatomia da Cerâmica Portuguesa (Coimbra, 1927), por Emanuel Ribeiro;

Do Ex.^{mo} Sr. Prof. Abílio da Costa Brochado:

Lavra. Apontamentos Para a Sua Monografia (Porto, 1943), por António Francisco Ramos;

Do Ex.^{mo} Sr. João Miranda:

Iniciação Geográfica (Barcelos, 1923), por Domingos de Figueiredo,

Geografia Matemática (Barcelos, 1923), por Domingos de Figueiredo,

Geografia Social (Barcelos, 1923), por Domingos de Figueiredo;

Da distinta fotógrafa norte-americana Nancy M. Flowers:

Quatro fotografias da Rosa Ramalha;

Da notável fotógrafa alemã Leonore Mau:

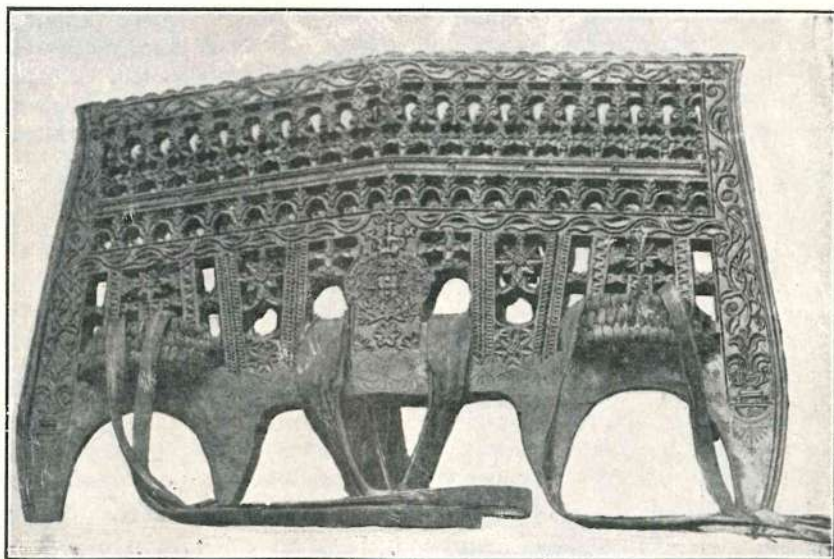
Uma fotografia da Rosa Ramalha e um recorte de jornal;

Do Ex.^{mo} Sr. Domingos F. D. Alvarenga:

Um espadeladouro com a data de 1930;

Do Ex.^{mo} Sr. Francisco Caseiro: 34 brinquedos de terracota polida branca com tarja.

Reconhecidamente agradecemos a todos estes dedicados amigos.



JUGO BARCELENSE

Gravura do livro *Barcelos. Resenha Histórica-Pitoresca-Artística* (Barcelos, 1927), por J. Mancelos Sampaio e Augusto Soucasaux. Impressa com a chapa original.

DO LIVRO DE VISITANTES

No dia 4 de Setembro de 1963, o distinto barcelense Sr. Dr. Furtado Martins trouxe um grupo de intelectuais a visitar o Museu. Vinham nada menos que os poetas presencistas José Régio, Fausto José e Saul Dias, o historiador de Arte e etnógrafo Dr. Flávio Gonçalves, o escritor vila-condense Dr. Orlando Paiva, Augusto Rego e uma outra pessoa cuja assinatura não conseguimos decifrar. No livro de visitantes, e dentro duma curiosa cercadura com alguns motivos tirados do «figurado», desenhada por Júlio (o poeta Saul Dias), deixaram assinalada a sua passagem. Porque não foram obtidas sob coacção (que de estranhas formas às vezes se pratica), porque foram espontâneas e livres, registaremos aqui as apreciações com que dois dos poetas quiseram honrar o Museu. Sem dúvida que as suas musas nesse dia estavam bem dispostas, e se retemperavam nas fontes populares e tradicionais. Vejamos:

*Quando vejo «coisas» destas,
sinto-me mais português.*

José Régio

*Uma onda aqui me trouxe,
Outra onda me levou...
O corpo foi para longe,
A minh'alma aqui ficou.*

Fausto José

*Uma onda aqui me trouxe,
Ai que outra me há-de levar!
Quisera que viesse uma
Que me fizesse ficar.*

José Régio

REGULAMENTOS DOS PRÉMIOS «GOMES PEREIRA» E «ROCHA PEIXOTO»

A Comissão Municipal de Turismo de Barcelos, desejando honrar a memória do folclorista barcelense Gomes Pereira, e bem assim estimular a actividade dos etnógrafos portugueses, instituiu o prémio «Gomes Pereira», agora atribuído pela segunda vez. Certa de que este prémio, na verdade, pode contribuir para o progresso da Etnografia Portuguesa, decide que o concurso se realize novamente no próximo ano, com as seguintes modalidades:

Livro.....	5 000\$00
Ensaio.....	2 500\$00
Estudo sobre tema barcelense.....	2 500\$00

Poderão concorrer os autores portugueses, sendo admitidos todos os trabalhos publicados desde 1 de Janeiro de 1964.

Os livros e estudos deverão entrar (cinco exemplares em qualquer das modalidades), até ao dia 31 de Julho de 1966, na «Comissão Municipal de Turismo — Prémio Gomes Pereira — Barcelos», juntamente com uma declaração em que o autor manifeste o seu desejo de concorrer ao prémio. Os autores e co-autores contemplados nas modalidades de livro e ensaio não podem concorrer durante os dois anos subsequentes.

É obrigatório que os trabalhos tenham o nome do autor e a data da impressão ou da edição.

O júri será constituído por um presidente e por dois vogais, um dos quais servirá de secretário, e das suas decisões não haverá recurso.

A entrega dos prémios far-se-á em Barcelos, numa sessão especial, durante o mês de Setembro de 1966.

Considerando que em 1966 se comemora o primeiro centenário do nascimento do eminente etnógrafo António Augusto da Rocha Peixoto, a quem se deve um excelente estudo sobre as louças de Barcelos, não só o mais antigo de quantos se publicaram, mas ainda o mais completo, — a Comissão Municipal de Turismo de Barcelos, desejando associar-se

a essas comemorações, decide instituir este prémio extraordinário, no valor de dois mil e quinhentos escudos, destinado a galardoar um trabalho sobre cerâmica popular portuguesa.

Serão admitidos todos os trabalhos publicados a partir de 1 de Janeiro de 1965.

De cada trabalho devem ser enviados cinco exemplares à «Comissão Municipal de Turismo — Prémio Rocha Peixoto — Barcelos», até 31 de Julho de 1966. Os autores devem declarar, numa carta, o seu desejo de concorrer ao prémio.

É obrigatório que os trabalhos tenham o nome do autor e a data da impressão ou da edição.

O júri será constituído por um presidente e por dois vogais, um dos quais servirá de secretário, e das suas decisões não haverá recurso.

A entrega do prémio far-se-á na mesma sessão do prémio Gomes Pereira.

Barcelos, Agosto de 1965.

PERMUTAS

Dignaram-se já algumas pessoas atender ao nosso desejo de estabelecer permuta de publicações. Até à data em que redigimos esta nota, recebemos os seguintes opúsculos, livros e revistas:

Assobios onomatopaicos dos barristas de Barcelos (Madrid, 1951), por Flávio Gonçalves;

A Lenda do Senhor do Galo de Barcelos (Porto, s. d.), por F. C. Pires de Lima;

Foral de Matosinhos (Matosinhos, 1956), por Abílio A. F. da Costa Brochado;

Da Vida Simples do Povo Português (s. l. e s. d.), por Abílio A. F. da Costa Brochado;

Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, n.ºs 5, 6, 7, 9, 10, 11 e 12;

El «Martin Fierro» y el folklore poetico (Buenos Aires, 1963), por Olga Fernandez Latour;

El balcón de celosia y la ventana de guillotina (Madrid, 1963), por José Pérez Vidal;

4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas do C. E. P. (Lisboa, 1955), por Afonso do Paço;

La Sal. Algunas tradiciones populares relacionadas con la medicina (Madrid, 1958), pelo Dr. Antonio Castillo de Lucas;

La Fuente Ovetense de Mariblanca (s. l., 1965), por Jose Manuel Gonzalez;

Comemorações do I Centenário do Nascimento de Rocha Peixoto;

Bulletin Folklorique d'Ile-de-France, n.ºs 29, 30 e 31, 3.ª s. (Paris, 1965);

- L'invitation aux nocés: sujet d'étude comparative chez les peuples Balkaniques* (München, 1964), por D. Loukatos;
- La Pesca nel Mare dell'Algarve* (Genova, 1954), por Gaetano Ferro;
- Il «III Coloquio de Estudos Luso-Brasileiros» ed una escursione attraverso il Portogallo* (Brescia, 1957), por Gaetano Ferro;
- I globi del Blaeu conservati nell'Istituto di Geografia di Genova* (Genova, 1959), por Gaetano Ferro;
- Geografia Storica* (Roma, 1964), por Gaetano Ferro;
- Toponomastica ligure: La vegetazione spontanea* (Genova, 1964), por Gaetano Ferro;
- «*Províncias*» e «*Distritos*» *Portoghesi*; «*Estados*» e «*Territórios*» *Brasiliáni*. *Appunti di Geografia Politica e Amministrativa* (Coimbra, 1965), por Gaetano Ferro;
- La Renaissance du Folklore en Wallonie* (s. 1., 1964), ed. da Commission Royale Belge de Folklore;
- Danses Populaires de Wallonie*, fascs. 4 e 5 (Charleroi, 1962), por Rose Thisse-Derouette;
- Chansons Populaires de l'Ancien Hainaut*, vol. II (Bruxelles, 1941), por Albert Libiez;
- Chansons Populaires de l'Ancien Hainaut*, vols. I A e I B (Bruxelles, 1959), por Roger Pinon;
- Chansons Populaires de l'Ardenne Septentrionale*, vol. I (Bruxelles, 1961), por Edouard Senny e Roger Pinon;
- Annuaire. VI. 1953* (Bruxelles, 1956), ed. da Commission Nationale Belge de Folklore;
- Annuaire. VIII. 1954-1955* (Bruxelles, 1960), ed. da Commission Nationale Belge de Folklore;
- Annuaire. XI. 1957-1958* (Bruxelles, 1959), ed. da Commission Nationale Belge de Folklore;
- Annuaire. XII. 1958-1959* (Bruxelles, 1961), ed. da Commission Royale Belge de Folklore;
- Annuaire. XIII. 1959-1960* (Bruxelles, 1962), ed. da Commission Royale Belge de Folklore;
- S. I. E. F. — Informations*, Bulletin de la Societé Internationale d'Ethnologie et de Folklore, vol. I (1964), n.º 1;
- Ethnos*, Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, vol. IV (Lisboa, MCMLXV).